

# AGRICULTURAS ALTERNATIVAS E A PAISAGEM: APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

**Éverton de Moraes Kozenieski,**

Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, everton\_k@yahoo.com.br

**Rosa Maria Vieira Medeiros,**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, rmvmedeiros@yahoo.com.br

## **Resumo:**

Na atual conjuntura brasileira, no que tange a produção agrícola e as dinâmicas do rural, é possível afirmar que há uma considerável presença de estabelecimentos agrícolas que têm sua produção pautada nos moldes da II Revolução Agrícola Moderna, na qual a mecanização, a química agrícola, os transgênicos e a produção de commodities são alguns exemplos de atividades desenvolvidas sob lógicas convencionais. Há, contudo, um crescente número de agricultores que optam por realizar práticas agrícolas alternativas ao modelo convencional da agricultura. Sua perspectivas estão amparados na inserção das preocupações de cunho ambiental junto a produção, além da constituição de outros padrões consumo e relações com as comunidades rurais. Frente a isso, configuram-se contextos regionais nos quais há a coexistência dessas diferentes estratégias, os quais podemos afirmar que há, conseqüentemente, a produção de diferentes grafias na superfície que repercutem essa diversidade. Nesse contexto, o presente artigo visa refletir sobre as diferentes possibilidades teórico-metodológicas para análise das práticas agrícolas alternativas e suas, respectivas, geo-grafias por meio do conceito de paisagem. Para alcançar esse objetivo, foram utilizadas referências bibliográficas, especialmente sobre o conceito de paisagem. A apresentação das informações está organizada em três momentos: primeiramente, apresentaremos algumas compreensões a cerca do conceito de paisagem; em seguida, traremos algumas considerações a respeito das características das agriculturas alternativas; num terceiro momento, analisaremos proposições de análise do espaço rural através da paisagem.

**Palavras-chaves:** Agriculturas alternativas; Paisagem; Rural; Geo-grafias

## **Introdução**

O homem, ao passar da história, desenvolveu um conjunto ações, técnicas, conhecimentos, a fim de intervir junto à natureza e garantir meios para sua reprodução enquanto ser social e ser biológico. Esses processos, socialmente constituídos, propiciaram o acúmulo de experiências e de saberes, ao longo de séculos, aprimorando, assim, sua capacidade de intervenção junto ao espaço

geográfico. A agricultura, entendida como “(...) conjunto de atividades, relativas aos cultivos e aos sistemas criatórios, presentes no campo (...)” (SUZUKI, 2009, p. 241), faz parte de contexto.

Em meio a um conjunto de aprimoramentos, de saber e de técnicas, não foram poucas as ações que ocasionaram substanciais mudanças nas formas produtivas e, conseqüentemente, alimentares das mais distintas sociedades. Nesse contexto amplo, em que então compreendidos mais de 10.000 anos de práticas agrícolas, Mazoyer e Roudart (2010) aponta para a existência de uma vasta gama de transformações e revolução nos sistemas agrícolas no mundo. Entre tantas transformações ocorridas no decorrer da história, gostaríamos de destacar, de forma sintética, as duas revoluções agrícolas do período moderno.

A primeira delas, originada na Europa ao final da Idade Média, “(...) consistiu em substituir os alqueires por plantas ‘mondadas’ forrageiras e por pastagens artificiais, para então desenvolver a criação e a produção de esterco” (MOZOYER; ROUDART, 2010, p. 357). Tais transformações, que se consolidaram na maior parte da Europa entre os séculos XVI e o XIX, propiciaram o aumento da produção em duas vezes comparado ao sistema anterior. Essa revolução se desenvolveu com uma estreita relação I Revolução Industrial, pois o excedente agrícola gerado liberou a mão-de-obra camponesa<sup>1</sup> que se direcionaram as cidades, ocupando atividades industriais e comerciais.

A II Revolução Agrícola do período moderno, constituída desde a primeira metade do século XX, espalhou-se em poucas décadas, principalmente após a II Guerra Mundial, para os países desenvolvidos e para alguns não desenvolvidos. As inovações estavam fortemente relacionadas aos novos meios de produção propiciadas pela II Revolução Industrial. Essa revolução teve como alicerces: *a motorização* – elaboração de tratores e maquinários cada vez mais potentes, originados por motores elétricos e a combustão; *a grande mecanização* – construção de máquinas mais complexas e eficientes para auxílio das atividades rurais; *a química agrícola* – desenvolvimento de adubos e produtos de tratamentos; *a seleção de plantas e animais* – processos de adaptação de espécie com o intuito de inseri-las em novos ambientes, ampliação da produtividade e da rentabilização. (MOZOYER; ROUDART, 2010)

Entre um grande conjunto de conseqüências geradas por essa revolução gostaríamos de destacar: o aumento da produtividade; a constituição de uma nova divisão do trabalho marcada pela ampliação e a reorganização, num sentido horizontal, da divisão regional do trabalho e pela ampliação e separação, num sentido vertical, das tarefas materiais e intelectuais da produção; especialização da produção por intermédio da redução da diversidade de cultivos nos estabelecimentos agrícolas; agravamento das desigualdades de renda do trabalho e de renda entre as

---

<sup>1</sup>Esse contexto turbulento de esvaziamento dos campos foi ocasionado por uma confluência de fatores, entre eles, questões de cunho jurídico.

diferentes regiões; ampliação da necessidade de capitalização dos estabelecimentos agrícolas com a finalidade de adquirir os novos “pacotes tecnológicos”. (MOZOYER; ROUDART, 2010)

Essa novo modelo se disseminou intensamente das décadas de 1960 e 70 no Brasil. A sua execução, em boa medida, cumpriu com a promessa do aumento da produtividade, contudo trouxe consigo uma série de outras consequências,

Além do alto custo econômico de sua manutenção, a exploração excessiva da base dos recursos naturais levou a crescentes níveis de degradação e esgotamento dos solos, poluição das águas, intoxicações e contaminações de agricultores por agrotóxicos, além de perda de biodiversidade. Por outro lado, as políticas de desenvolvimento agrícola que viabilizaram a implementação deste modelo tecnológico foram direcionadas à modernização das grandes propriedades, aprofundando ainda mais as desigualdades e a exclusão social no meio rural, principalmente em se tratando dos agricultores familiares. (HESPANHOL, 2008, s/p)

Cabe destacar, sobre as revoluções modernas nos sistemas agrícolas, que entre essas duas revoluções há uma série de princípios que as diferem materialmente e tecnicamente. Até a primeira, os novos conhecimentos e técnicas agrícolas estavam relacionados a uma dimensão observacional e experimental por parte dos camponeses, vinculadas aos ritmos e os ditames da natureza. A partir do segundo momento, há uma mudança compreensão da relação entre a agricultura e a natureza, devido à consolidação de uma nova orientação sob a qual se compreende que o desenvolvimento científico-tecnológico é a única via capaz de resolver os problemas vinculados à escassez de alimentos e o esgotamento dos recursos naturais.

Esses elementos agregados à inserção das preocupações ambientais e a valorização da produção de alimentos alternativos ao modelo convencional na agricultura propiciaram a retomada de modelos produtivos mais integrados a natureza. Dessa forma, ganha força a ecologização da agricultura.

Na atual conjuntura brasileira, é possível afirma que há uma considerável presença de estabelecimentos agrícolas que têm sua produção pautada nos moldes da II Revolução Agrícola Moderna, contudo há um crescente número de agricultores que optam por realizar práticas agrícolas alternativas ao modelo convencional.

Em meio ao quadro histórico geral no qual diferentes sistemas agrários foram desenvolvidos e propiciaram transformações nas formas de produção e de organização social entorno da agricultura. Além da diversidade de formas de produção agrícola, convencionais e alternativas, que constituem a conjuntura brasileira, podemos constatar que diferentes sistemas e formas de produção coexistem em um mesmo tempo histórico. Frente a isso, podemos afirmar que convivem, por exemplo, num mesmo contexto regional diferentes temporalidades associados a diferenciados momentos técnicos. Da mesma forma, podemos afirmar que há, conseqüentemente, diferentes espacialidades que repercutem essa diversidade.

Frente a esse contexto, o presente artigo visa refletir sobre as diferentes possibilidades

teórico-metodológicas para análise das práticas agrícolas alternativas e suas, respectivas, geografias por meio do conceito de paisagem. Para alcançar esse objetivo, primeiramente, apresentaremos algumas compreensões a cerca do conceito de paisagem, em seguida, traremos algumas considerações a respeito das características das agriculturas alternativas. Num terceiro momento, analisaremos proposições de análise do espaço rural através da paisagem.

### **A paisagem como possibilidades de apreensão do espaço geográfico**

A noção de paisagem teve origem na Antiguidade. Ao longo do tempo, apresentou uma grande diversidade de significados, caracteriza-se, portanto, por ser um termo polissêmico. A paisagem pode ser compreendida, segundo Donadieu e Périgord (2005), distintamente através de três perspectivas: *Pitoresco* – no sentido de uma representação de um dado espaço através da pintura; *Geográfica* – representando a relação do homem com o espaço, significando uma imagem da distribuição espacial das atividades humanas; *Identitária*, como imagem de um território que permite ao homem se identificar a um espaço, por seu pensamento e por suas ações. Verdum e Fontoura (2009) definem, no contexto da Geografia, paisagem como “(...) *o conjunto das formas que caracterizam um determinado setor da superfície terrestre.*” (p. 10). Santos (2004), por sua vez, a define “(...) *como um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza.*” (p. 103). Em ambos os apontamentos, os elementos definidores desse conceito estão associados às formas e aos objetos geográficos contido em uma determinada porção do espaço.

Esses elementos constituintes, que marcam o conceito de paisagem e de espaço geográfico, podem, por algumas circunstâncias, ser muito parecidos, dessa forma, essas duas definições podem, inadvertidamente, ser confundidas. Donadieu e Périgord (2005), com a finalidade de deixar evidentes tais circunstâncias, nos propiciam a seguinte reflexão:

Espace et paysage sont deux concepts distincts, le paysage étant une manière active d'approcher l'espace. Si le paysage exprime des formes, l'espace exprime plutôt la construction des formes par l'homme. l'espace relève d'échelles différentes: continentale, régionale, locale (le pays et le lieu). Le mot implique la notion d'étendue, de distance, distance entre les formes, distance entre l'observateur et l'espace observé qui, d'une certaine manière, appartient à cet espace. Étendue mesurable, il représente une totalité, la totalité des lieux, édulant ce qui est caché. Quant au paysage, il pourrait être l'apparence locale de l'espace dans la mesure où il exprime les relations tissées par les sociétés sur les lieux. (p. 39)

Frente a isso, podemos, conjuntamente com Suertegaray (2005), partir do pressuposto de que “(...) *a expressão do geográfico encontra-se representada no conceito de espaço geográfico*” (p. 47) e que a paisagem, para a Geografia, constitui-se em uma forma de focar o espaço geográfico sob uma determinada perspectiva.

Assim, podemos ponderar que a sociedade influencia na produção do espaço, da mesma forma que o espaço influencia as dinâmicas das sociedades. Nesse contexto, constitui-se o espaço geográfico que, a partir dessas dinâmicas, pode construir e desconstruir objetos geográficos que podem ser analisados sob o prisma da paisagem. *“Les formes qui constituent le paysage révèlent l'organisation de l'espace et l'analyse de ces formes permet d'identifier des séries de signes. Le paysage nous parle de l'espace et de la manière dont il est organisé par les sociétés humaines.”* (DONADIEU; PÉRIGORD, 2005, p. 38).

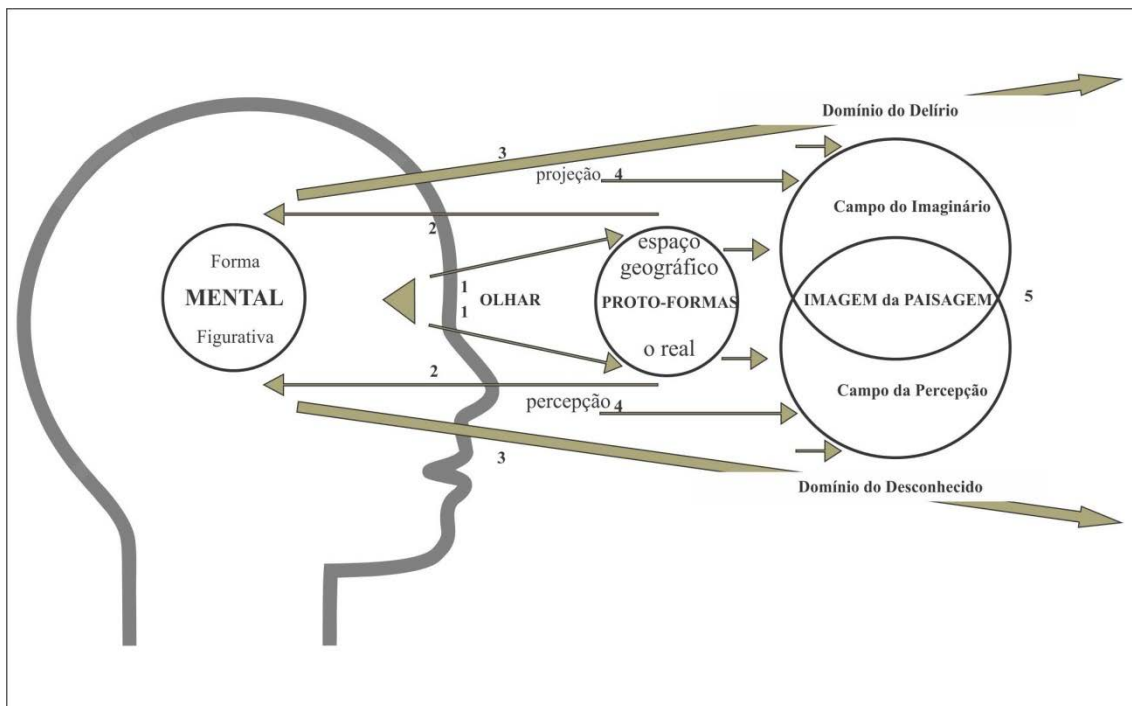
Seguindo a mesma linha de argumentação, com a finalidade de exemplificar o exposto, podemos considerar que a organização de uma sociedade para a produção de alimentos constitui uma relação com o espaço. Essa relação, conseqüentemente, compõe o espaço geográfico, com suas respectivas interações, formas e objetos geográficos. Nesse contexto elaboram-se geo-grafias na epiderme terrestre, que podem ser apreendidas através da paisagem.

Nesse contexto, podemos considerar que a paisagem é a simples união de um conjunto de objetos geográficos? Donadieu e Périgord (2005) consideram que não, pois a paisagem é fruto da apreensão dos objetos geográficos, de um entendimento e de busca de uma compreensão dos mesmos, por parte dos indivíduos, dotados de suas respectivas vivência e saberes. Nesse sentido, podemos inferir que não há paisagem sem indivíduos e sem sociedades. Assim, consideramos que:

Face à une paysage, l'observateur perçoit d'abord des formes que se constituent ensuite en une image globale, une vue d'ensemble. À partir du moment où il cherche à comprendre ce qu'il perçoit, l'observateur interprète les formes (ressources, activités, formes patrimoniales) en les analysant selon son point de vue. Ce faisant, il s'approprie le paysage n'existe en lui reconnaissant des qualités et propriétés. Nous savons que le paysage n'existe que par le regard. Mais regarder ne constitue pas un acte simple: il résulte d'une éducation, d'un contexte social, économique, politique et culturel, d'une manière de vivre, et les regards portés sur un paysage sont guidés tant par l'expérience individuelle que par les modes de représentation que l'observateur a déjà intégrés. Plus qu'une représentation, une image exprime une relation monde, elle n'est pas un hasard, mais est fonction d'une stratégie: l'image est porteuse d'intentions. (DONADIEU; PÉRIGORD, 2005, p. 43)

A partir da figura 1, podemos exemplificar os mecanismos de apreensão da paisagem por pelos sujeitos. Nela há, primeiramente, o olhar do indivíduo para o espaço geográfico. Essa observação é base para o processo mental de identificação e organização das proto-formas. Esse processo mental está amparado nos conhecimentos e nas vivências do indivíduo. É também nesse momento, que as proto-formas ganham sentidos e compreensões. O que é observado interage com o imaginário, se somando as projeções e percepções sobre o que é visto. A imagem da paisagem, em suma, constitui-se pelas interações dos indivíduos e com o espaço geográfico apresentando objetividade e subjetividade.

FIGURA 1 – A Construção de Imagens da Paisagem



Fonte: DONADIEU; PÉRIGORD, 2005, p. 44.

A paisagem, nessa afirmação, não deixa ter uma concretude, contudo, é uma construção marcada social e culturalmente. Ela é marcada por uma representação constituída por sujeitos coletivos a cerca do espaço geográfico.

Como manifestação concreta, a paisagem está naturalmente exposta à objetivação analítica do tipo positivista: mas ela existe, em primeiro lugar, na sua relação com o sujeito coletivo: a sociedade que a produz, que a reproduz e a transforma em função de uma certa lógica. (BERQUE, 2004, p. 84).

### **Algumas considerações sobre Agricultura Alternativa**

Anteriormente, apontamos algumas situações relacionadas aos sistemas agrários, suas características e repercussões históricas. Apresentamos alguns elementos constituintes do espaço rural contemporaneamente e apontamos alguns elementos representativos do conceito de paisagem na geografia. Contudo, alguns elementos merecem destaque: o que é agricultura alternativa? O que a diferencia do sistema convencional?

Para responder tal questionamento, partimos das considerações de Petersen (2012). Esse autor defini agriculturas alternativas como

(...) sistemas socio-técnicos desenvolvidos em resposta a bloqueios sociais, econômicos e/ou ambientais encontrados na agricultura convencionalmente praticada em contextos históricos definidos. Dependendo de condições políticas e institucionais vigentes, esses sistemas técnicos alternativos podem permanecer como opções subvalorizadas pela sociedade ou podem suplantar os padrões convencionais de produção. (p. 40)

Tal definição apresenta as relações de poder presente em uma sociedade e suas formas de

fazer agrícola. Demonstra-nos a multidimensionalidade de relações presentes mediante práticas que se contrapõem ao modelo convencional. Existem diferentes práticas alternativas, entre elas podemos destacar: agricultura orgânica, agricultura biodinâmica, agricultura natural, agricultura biológica, agricultura ecológica. Essas diferentes formas e concepções sobre a agricultura apresentam características peculiares, contudo, todas apresentam um elemento comum: se apresentam como práticas que se contrapõem a agricultura químico-industrial.

Muitas dessas formas de agricultura estão amparadas em princípios da agroecologia, que é definida como

(...) uma ciência que surge na década de 1970 como forma de estabelecer uma base teórica para diferentes movimentos de agricultura alternativa que então ganhavam força com os sinais de esgotamento da agricultura moderna. No entanto, apesar de ser um termo que surgiu junto às diferentes correntes da agricultura alternativa, não deve ser entendida como uma prática agrícola. É uma ciência que busca o entendimento do funcionamento de agroecossistemas complexos, bem como das diferentes interações presentes nestes, tendo como princípio a conservação e a ampliação da biodiversidade dos sistemas agrícolas como base para produzir auto-regulação e conseqüentemente sustentabilidade. (ASSIS; ROMERO, 2002, p. 70-71)

Atualmente temos uma crescente realização de práticas com características alternativas. Os dados da produção orgânica apontados pelo Censo Agropecuário de 2006, realizado pelo IBGE, ilustram a dimensão desse tipo de agricultura. Segundo esses dados, há no Brasil 90.497 estabelecimentos rurais que praticam a agricultura orgânica. Estes representam 1,75% do total de estabelecimentos rurais brasileiros. A Região Sul do Brasil apresenta 21,30% do total de estabelecimentos produtores de orgânicos no país, o que representa cerca de 15,00% da área total plantada no Brasil. O Rio Grande do Sul, neste contexto, participa com 8.532 estabelecimentos rurais com produção de orgânicos. Este conjunto representa 9,43% do total brasileiro neste seguimento e 1,93% do total de estabelecimento rurais presentes no estado.

A adoção de novos paradigmas ambientais e de práticas agrícolas alternativas perante o contexto hegemônico da agricultura convencional, trazem consigo mudanças significativas na interação entre o cultivar e o ambiente. Traz consigo também novas formas de apropriação e dominação do espaço pelos agentes presentes tanto no campo (agricultores, comerciantes) como também na cidade (consumidores), produzindo novas grafias no espaço.

Nesse contexto de múltiplas conjecturas, como a paisagem pode nos auxiliar na compreensão das múltiplas interações do espaço rural?

### **Possibilidade de análise das agriculturas alternativas através da paisagem**

As articulações analíticas entre o espaço rural e a paisagem não são recentes. Vários estudos apresentam a possibilidade de análise do espaço rural através da paisagem como forma de

compreensão do espaço geográfico. Alguns autores clássicos da Geografia Agrária brasileira partiram dessa proposição, como é o caso de Leo Waibel e Orlando Valverde.

Leo Waibel, conforme nos mostra Etges (2000), em sua proposição teórico-metodológica parte do conceito de Paisagem Cultural associada à Formação Econômica como caminho para o estudo do rural. De forma sintética, podemos afirmar que Waibel “(...) *entendia a paisagem cultural, dentro da geografia agrária, como resultado do uso predominante do solo, ou seja, do tipo, dos cultivos, das técnicas utilizadas, de estradas e instalações, determinadas pela formação econômica.*” (ETGES, 2000, p. 91). Dessa forma, a paisagem é retratada através dos usos dos espaços e das possibilidades apresentadas pela natureza. Para ele, compreender o agrário consistia em analisar o natural e sua transformação por um grupamento humano.

Orlando Valverde, por sua vez, compactuava com a metodologia que centrava-se na análise da paisagem. Para ele, inspirado em Waibel, a Geografia Agrária comporta “(...) *três tratamentos diferentes, que se denominam respectivamente: Geografia Agrária Estatística, Geografia Agrária Ecológica e Geografia Agrária Fisionômica.*” (VALVERDE, 1964, p. 22). A primeira delas responde as representações cartográficas de dados estatísticos referentes às áreas de produção; a Geografia Agrária Ecológica respondia pelas relações entre paisagem agrícola e o meio físico (relevo, clima, solo, vegetação, e os animais); E, por fim, a Geografia Agrária Fisionômica que visa entender a paisagem, ou seja, interpreta-la, compreendendo cada uma dos elementos que nela refletem e suas respectivas funcionalidades. (VALVERDE, 1964).

Ambas as proposições, entendiam que a paisagem era um elemento de importante significado para as análises da Geografia Agrária. Na paisagem, buscava-se descrever e compreender as relações existentes entre a sociedade e suas interações com a natureza. Nesse sentido, “*A Geografia Agrária é, em última análise, a interpretação dos vestígios que o homem do campo deixa na paisagem, na sua luta pela vida, quotidiana e silenciosa.*” (VALVERDE, 1964, p. 37).

Ferreira (2002) indica que esse momento da Geografia Agrária brasileira, configura-se como descritiva. Essa Geografia Tradicional,

(...) corresponde a uma Geografia Agrária paisagística, até certo ponto determinista, coerente com o perfil epistemológico da própria Geografia e com a importância da agricultura como evento econômico-social e político e como elemento organizador do espaço e, portanto, dominante do ponto de vista da paisagem. (p.41)

Transformações nos espaços rurais brasileiras conjugadas com novas vertentes teórico-metodológicas conduziram a Geografia Agrária a outros caminhos analíticos e, conseqüentemente, o conceito de paisagem perdeu destaque nas pesquisas.

No atual contexto, analisar o rural através da paisagem não é algo comum. Contudo, será que a Paisagem pode ainda ser um conceito útil para os estudos dos espaços rurais? Acreditamos



que sim. A uma série de proposições teóricas, a respeito da paisagem, que a instrumentalizam com novas possibilidades analíticas, para além das proposições descritivas e sistêmicas da paisagem.

A proposição de Berque, por exemplo, aponta para novas possibilidades que podem ser uma interessante maneira de resgatar esse conceito nos estudos dos espaços rurais. Para esse autor,

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno. E assim, sucessivamente, por infinitos laços de co-determinação. (BERQUE, p. 84-85)

Assim, a paisagem enquanto *marca* pode ser compreendida e analisada como fruto de uma objetivação, ou seja, pode ser descrita e inventariada, conforme os estudos tradicionais da Geografia Agrária brasileira. Contudo, enquanto matriz, a paisagem participa de um processo interativo entre o meio físico e os processos mentais e sociais, pertencentes a um conjunto de sujeitos coletivos. Dessa forma,

L'image de paysage exprime le rapport au monde d'un individu. Représentation d'une représentation individuelle, l'analyse des images de paysage (description, schématisation, modélisation) doit dépasser le cadre de l'image et prendre en compte la personnalité de son concepteur dans la mesure où l'image véhicule des valeurs, des idées, ou des stratégies de développement. (DONADIEU; PÉRIGORD, 2005, p.44)

Assim a paisagem é apreendida pelos sujeitos, participa de um conjunto de representações sociais e é referência para intervenções e ações sócio-espaciais. O espaço rural, nessa perspectiva, é parte de um conjunto de representação de sujeitos coletivos. Assim diferentes coletividades, que apresentam diferentes relações com as práticas alternativas na agricultura, constituem diferentes marcas na paisagem e constituem diferentes matrizes no espaço rural.

## Conclusões

Ao longo do texto apresentamos algumas considerações a respeito da agricultura e o momento histórico que vivemos. Destacamos as diferentes abordagens e forma de produzir no espaço rural, dando ênfase para a relação entre a agricultura convencional e as práticas alternativas. Apontamos para o conceito de paisagem com uma possibilidade de análise do espaço geográfico. E, por fim, apresentamos alguns apontamentos sobre a Geografia Agrária e as abordagens teórico-metodológicas centradas nos estudos das paisagens rurais.

Ao final, gostaríamos de apresentar uma proposta para análise das agriculturas alternativas. Tal proposta está dividida em dois momentos. No primeiro deles, partimos da análise da paisagem enquanto matriz. O primeiro passo proposto é identificar, em um dado contexto regional, os sujeitos praticantes de cultivos alternativos. A partir disso, busca-se a identificação, através de entrevistas, de quais são as referências e as marcas na paisagem que esses grupos desenvolvem. O que marcas

esses grupos grafam? Quais são suas representações da paisagem? Que relações são desenvolvidas perante a natureza e o contexto regional? Quais são os conflitos expressos na paisagem? Quais são os objetos geográficos característicos dessas atividades? Essa etapa possibilita a análise das ruralidades, dos bloqueios sociais, das marcas produzidas pelas práticas alternativas e identificar as matrizes dessas coletividades.

Num segundo momento, buscar a análise do espaço rural, em um sentido mais amplo, dando ênfase para as unidades de paisagem. Essa possibilidade parte da comparação entre a situação geográfica dos estabelecimentos alternativos com relação ao contexto regional, possibilitando cruzamentos entre aspectos naturais (recursos hídricos, relevo, solos, clima) e sociais (relações de proximidade com o urbano, parcelamento do solo, usos). Esse momento destacam-se através do espaço os bloqueios sociais e ambientais aos quais os sujeitos estão dispostos.

Essas práticas alternativas são realizações complexa, pois a sua prática implica em uma série de interações que vão além de um mero ato produtivo. A agricultura engloba relações que perpassam a cadeia produtiva (crédito, assistência, insumos agrícolas, técnicas, etc), a distribuição de alimentos e a relações de consumo. Assim praticar agricultura remete a aspectos econômicos, políticos, culturais. Dessa forma, acreditamos que uma proposta de análise que contemple abordagens complementares possa ser algo mais interessante e esclarecedor.

Acreditamos que as análises do espaço rural, através da paisagem, seja uma forma de aproximar-se dos sujeitos e das geo-grafias contidas na realização dessas práticas. Defendemos tal situação, pois acreditamos que desenvolver práticas agrícolas significa muito mais do que produzir alimentos, significa, acima de tudo, produzir espaços. Espaços que interagem com a natureza, com a sociedade e com a cultura.

## Referências

ASSIS, Renato Linhares de; ROMERO, Ademar Ribeiro. Agroecologia e agricultura orgânica: Controvérsias e tendências. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 6, p.67-80, jul. 2002. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/view/22129>>. Acesso em: 01 out. 2011.

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 84-91.

DONADIEU, Pierre; PÉRIGORD, Michel. **Clés pour le paysage**. Paris: Phrys, 2005. (Collection Géophrys).

ETGES, Virgínia Elisabeta. **Geografia Agrária: A Contribuição de Leo Waibel**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000. 226 p.

HESPANHOL, Rosângela Ap. de Medeiros. Perspectivas da agricultura sustentável no Brasil. **Confins [Online]**, n. 2, postado online em 13 mar. 2008. Disponível em: <<http://confins.revues.org/2353>> Acesso em: 01 out. 2011. DOI: 10.4000/confins.2353

MOZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea. São Paulo: Editora Unesp, 2010; Brasília, DF: NEAD. 568 p. Tradução de: Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira.

PETERSEN, Paulo. Agriculturas Alternativas. In: CALDART, Roseli Salete et al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 40-46.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. (Coleção Milton Santos I).

SUERTEGARAY, Dirce M. A. **Cadernos geográficos 12: notas sobre epistemologia da geografia**. UFSC, Florianópolis, 2000.

SUZUKI, Júlio César. Modernização, Território e Relação Cidade-Campo: Uma outra leitura da modernização da agricultura. In: MEDEIROS, Rasa Maria Vieira; FALCADE, Ivanira. **Tradição versus Tecnologia: As novas territorialidades do espaço agrário brasileiro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 241-254.

VALVERDE, Orlando. **Geografia Agrária do Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais/mec, 1964.

VERDUM, Roberto; FONTOURA, Luiz Fernando Mazzini. **Temáticas Rurais: do local ao regional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 48 p. (Série educação a distância).